O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios *

SÍLVIO COELHO DOS SANTOS

Em "O Combate..." procurou Luiz Felipe Baêta Neves explicar as motivações ideológicas da ação dos jesuítas no Brasil, nos primeiros momentos do período colonial. A tarefa foi assumida por inteiro e o Autor se saiu maravilhosamente bem. Orientado pelo Mestre Luiz de Castro Faria, arguto estudioso do pensamento social brasileiro, o A. exerceu sua atividade objetivando a elaboração de dissertação que lhe propiciasse a conquista de grau de Mestre em Antropologia Social, no curso de mestrado em Antropologia, do Museu Nacional (UFRJ). À época (1976), recebeu o Autor do historiador Francisco Iglésias a intimação de publicar sua dissertação, além do elogioso comentário, entre outros, de que "você escreveu uma obra fundamental de Antropologia e História do Brasil".

Efetivamente, para se compreender a importância do trabalho de Luiz Felipe, é preciso destacar o papel exercido pelos cursos de Mestrado que nos útimos 15 anos se implantaram no Brasil. Nesse particular, o Mestrado em Antropologia Social do Museu Nacional tem lugar privilegiado, por ter sido responsável por toda uma renovação teórica e metodológica na produção da Antropologia. Entende-se assim porque um estudo que focaliza um restrito período no século XVI (1549-1570) abre perspectivas enormes para a compreensão do presente. Entende-se também porque o A. ao se referir ao seu orientador, Castro Faria, comenta: "sua erudição nunca se revestiu de inócuo bizantinismo e sim de uma vontade de intervenção no presente" (p. 9). Ou, adiante, introduzindo suas preocupações de forma mais clara:

---

* Luiz Felipe Baêta Neves. 1978, Forense-Universitária, Rio de Janeiro.

> A permanência — e a dominância — de uma determinada ideologia relativa ao indígena (e de uma série de práticas onde tal ideologia se exibe) não é fortuita. As razões são muitas; vamos enumerar agora algumas referentes à prática teórico-ideológica, isto é, vamos tentar ver como a modernidade de tais posições foi assegurada não apenas por questões de ordem econômico-social e política. Curiosamente, não houve necessidade de luta. A posição jesuíta se beneficiou de um silêncio espantoso que se impôs a dezenas de gerações... e de posições teóricas. Silêncio que se consubstancia em uma ausência maciça, quase absoluta, de estudos críticos sobre tal posição (p. 16).

Nessa linha de entendimento, a obra emerge, segundo o próprio A., em situação de relativa solidão. Solidão que tudo indica, em breve deixará de existir, pois o vigor da abordagem ora em foco favorecerá a análise de outras mil facetas ocultas do passado e do presente da sociedade brasileira. Por isto, compreende-se o desafio aceito pelo A., assim revelado:

> A solidão relativa é contrabalançada pelo fascínio da questão proposta: a relativa raridade de uma "reprodução" tão perfeita (onde variam mais as formas de articulação da ideologia do que ela própria) no pensamento social brasileiro e em suas práticas institucionais. Descobrir, encobertos pelos silêncios, as dúvidas, as fissuras, as contradições, os paradoxos, os jogos de poder (p. 19).

O conteúdo do livro foi distribuido em dois capítulos, além de introdução e conclusão. No primeiro capítulo o A. examina *A Missão* e *A Ideologia da Catequese no Brasil.* No segundo capítulo, aborda *O Plano das Aldeias* e *A Pedagogia Institucional.* Em cada um desses tópicos, destaca-se o domínio com que o A. trata tanto o material empírico, como a teoria. Não há, entretanto, preocupações com detalhes, com a apresentação exagerada do factual, nem tampouco com o teórico. O trabalho é modelarmente "enxuto", importando ao A. reunir com exatidão e extrema meticulosidade as peças aparentemente isoladas e divergentes de toda uma mesma trama: a dominação colonial. Nesse sentido, o livro resulta muito bem urdido. Assim é que o Autor objetivamente conclui:

> O discurso jesuítico quinhentista no Brasil é ideológico porque é autocentrado; é um saber que escolheu centros, sujeitos e objetos que se erigem a si mesmos como corretos e adequados e não admitem questionamentos. São onipotentes em sua auto-suficiência e apriorismo. Seus centros se entrejustificam: tenho a Verdade porque sou Europeu porque sou Cristão porque tenho a Verdade (p. 163).

Por último, um comentário a meu ver necessário, pois que somente a análise crítica positiva de uma obra não é indicativo que ela vai desempenhar um papel fertilizador. É preciso que livros como o de Luiz Felipe Baêta Neves não sejam somente editados, como muito acertadamente intimou Francisco Iglésias. É necessário que sejam lidos, discutidos, divulgados, tornando-os emuladores de uma produção antropológica desmitificadora, ampla, fértil e "duramente radical porque descentralizadora" (p. 164).